

FONTE : FSP

CLASS. : 352

DATA : 06 09 87

PG. : A-2

Severo Gomes
**Cronologia de uma
 conspiração -2**

A Assembléia Nacional Constituinte evolui para proibir a atuação de mineradoras privadas em áreas indígenas —velho princípio mal obedecido da política de mineração. A tendência atual é conceder este privilégio à União, que conduziria a exploração, quando necessária, atendendo a todos os cuidados da política indigenista para evitar genocídio ou etnocídio. Morte física ou cultural das populações.

Surpreendidas com essa tendência da Constituinte, as empresas mineradoras enlouqueceram e articularam com um certo Mauro Rodrigues Nogueira um falso e megalômano plano de mineração, que serviu de base para a campanha lançada pelo jornal "O Estado de S. Paulo". Só lhes restava a força da mentira e da calúnia. Por essa razão, aquelas empresas procuraram criar fatos consumados e conseguiram com seus ardis centenas de concessões para pesquisa em áreas indígenas. O digno ministro Aureliano Chaves cassou as concessões.

No dia 16 de agosto escrevi o capítulo primeiro deste roteiro de falácias que despertou interesse tão surpreendente a ponto de o cineasta João Batista Andrade me propor sua utilização. Hoje, no capítulo segundo desta história, é oportuno perceber que com a vista ofuscada pelo brilho do ouro, as mineradoras entregaram-se aos desatinos naturais dos que são açoitados pelo tempo. Elas precisavam que um segundo plano falso, uma reedição dos anos 80 do que foi o Plano Cohen na década de 40, viesse ao conhecimento nacional, antes que a Constituinte estabelecesse normas que garantissem um mínimo de decência, capazes, também, de evitar o genocídio.

Há sempre inteligências voltadas para a defesa do "mundo livre". O tenente-coronel Oliver North disse durante seu depoimento no Congresso dos Estados Unidos que nem todo o dinheiro arrecadado no escândalo "Irã-Contras" foi para a Nicarágua. Uma boa parte foi empregada no Brasil para ajudá-lo a fazer uma "boa Constituição". Curiosamente, esta notícia não foi publicada por estas bandas. Mas, voltemos à cronologia dos fatos:

1 — Nesta linha de criatividade surge com nitidez o "pivot" do documentário estampado em "O Estado". O até agora desconhecido Mauro R. Nogueira. É ele quem está aparentemente no centro da falsificação de documentos que levaram o referido jornal a combater o entreguismo nacional que se realizaria pela cumplicidade da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) com o Sindicato do Estanho da Malásia. Um frisson de xenofobia percorreu a espinha da Redação do jornal.

2 — O ministro da Aeronáutica, brigadeiro Octávio Moreira Lima, faz declarações endossando o Plano Cohen, defendendo a pátria e desancando a Igreja.

3 — O último número do semanário "Retrato do Brasil" revelou que a "Fundação Biblioteca do Desenvolvimento Econômico do Brasil" alugara em São Paulo uma casa para o seu diretor Mauro Rodrigues Nogueira, na rua dos Cascais n° 34, no Brooklin. Acontece que o fiador do aluguel foi o diretor da mineradora Paranapanema, Acyr Bernardes. Poderia ser um acidente ligado à amizade pessoal, não fora ter a indigitada Fundação alugado em Brasília para o seu engenhoso diretor, uma outra casa, na QI 14, conjunto 6, casa 16, Lago Norte. Curiosamente o fiador é Hitler Nantes dos Santos, chefe do escritório da Paranapanema em Brasília.

Acontece que a Paranapanema é a mineradora com maiores interesses nas jazidas em terras indígenas. Na verdade já minera tanto em terras indígenas que desenvolveu a doutrina —já bastante aceita em certos círculos militares— de que os padres tangem os índios como bandos de cabras, para fixarem residência em cima das minas de ouro e/ou de estanho. (Os yanomami estão na região estanhifera do Surucucu há cerca de três mil anos, segundo os etnólogos!)

4 — O presidente da CNBB constituiu advogado, o presidente do Conselho Federal da OAB, Marcio Tomaz Bastos, para agir contra o sempre lembrado jornal, depois de ter anunciado —em reunião pública promovida pela Fundação Pedroso Horta—, na Comissão de Finanças do Senado, toda a criminosa montagem da trama.

5 — Foi constituída uma Comissão Parlamentar de Inquérito do Congresso Nacional para apurar as acusações.

"O Estado" vira agora suas baterias para atacar a igreja da Venezuela. Pouca leitura para tanto espaço. Está, na realidade, mudando o rumo para fugir de outros ilícitos penais, mas dando impressão aos leitores que continua na mesma batalha. O doloroso é o nosso caro e enganado ministro Brossard que continua atirando, enquanto a quadrilha que o enganou já está mudando de rumo ou de país.

Imaginei, por causa do interesse de João Batista Andrade, três tomadas iniciais do filme, com o presidente da Mineradora Ranger S/A (gostaria que fosse Mario Lago):

— Ele telefonando para influentes amigos: "É hora de comprar ações da Ranger". Em outro tempo: "Agora venda ações da Ranger". Dá para entender?

— Cercado de caciques da margem esquerda do Amazonas, ele mostra o que é o verdadeiro cristianismo, do progresso, do plástico, da comida da cantina. Não é o dos padrecos que querem mantê-los na dura vida das matas, para depois explorar as riquezas quando chegar a hora do avanço imperialista das nações capitalistas.

— O presidente da Ranger chama o encarregado da área de mineração: "Sei que o nosso pessoal vai querer comer as índias. Mande examinar com rigor. Não admito que alguém venha trabalhar aqui com "sarampo".